

A subjetividade do tradutor à luz da Análise do Discurso francesa e da psicanálise

Prof^a Ms. Mayra Barbosa Guedes¹ (UFJF)

Resumo:

O presente trabalho apresenta a análise das marcas da subjetividade nos enunciados do conto “Zadig” de Voltaire, texto original e três traduções encontradas. Esta análise está fundamentada numa abordagem da Teoria da Enunciação, mais especificamente no arsenal teórico de Patrick Charaudeau et de Catherine Kerbrat-Orecchionni. Mostramos que mesmo quando a subjetividade do enunciador não está explicitada por um pronome de primeira pessoa, outros termos de ordem sintática deixam entrever o enunciador de forma implícita. As diferenças entre as quatro obras foram vistas com relação ao “contrato de fidelidade” e este trabalho tem também como propósito dialogar com os teóricos das correntes pós-estruturalistas presentes na análise proposta por Freud e Lacan. Enfim, pretendemos mostrar que o tradutor, buscando ser fiel ao original, não deixa de marcar o texto por sua singularidade enquanto enunciador.

Palavras-chave: Tradução; subjetividade; discurso; Teoria da Enunciação; Psicanálise.

Introdução

O presente texto trará a lume considerações acerca da subjetividade, por vezes implícita, da escrita do tradutor. Ao analisarmos a presença subjetiva do tradutor no “Zadig” de Voltaire, temos o intuito de reavaliar uma posição de menor prestígio à reescrita tradutora. As teorias da tradução, segundo Frota (2000), se apresentam movidas pelo interesse em tirar da marginalidade – cultural e econômica – uma atividade tão antiga e tão fundamental em nossa história e por conseguinte, o profissional que nela atua. Além disso, as teorias desenvolvidas nos últimos vinte anos, buscam sair da visão do tradutor como alguém que realiza uma escrita neutra, desprestigiada (VENUTI apud FROTA, 2000, p. 265-6).

Um tradutor, na seriedade de seu trabalho, traz a voz estrangeira: sua cultura, suas informações, seus costumes. Quantos leitores tiveram ou ainda terão a oportunidade ou as condições possíveis de ler um texto em grego ou russo no seu original? *Para Lefevere, o leitor do mundo cotidiano atual “não é exposto à literatura como ela foi escrita, mas como ela foi reescrita (...) por leitores profissionais”, em resumos, antologias, versões simplificadas, histórias literárias, etc* (LEFEVERE apud VIEIRA, 1996, p. 147-8). Em certa medida, analisar as marcas subjetivas presentes num texto traduzido permite que olhemos com mais cuidado e mais zelo o trabalho de um tradutor. *A tradução, Lefevere argumenta, é a principal forma de reescrita* (VIEIRA, 1996, p. 144).

Teceremos primeiramente um breve histórico sobre a Teoria da Enunciação e os caminhos trilhados por alguns autores da Análise do Discurso. Nos deteremos na visão de Patrick Charaudeau (1983, 1992, 2001, 2006, 2008) e Catherine Kerbrat-Orecchioni (1980). Esses dois autores nos permitirão analisar o conto de Voltaire e as três traduções por nós encontradas no mercado editorial brasileiro, sob o prisma do enunciador. Nesse ponto da discussão será importante estar a par de alguns aspectos pertinentes a nosso estudo, tais como: o conceito de sujeito e seus desdobramentos em sujeitos de ação (Euc e TUi) e sujeitos de fala (EUe e TUD), bem como o processo linguageiro² na perspectiva do

enunciador e na encenação comunicativa, a posição que o enunciador ocupa com relação ao interlocutor, denotando assim o modo de organização enunciativo da linguagem (CHARAUDEAU, 2008, p. 81).

A teoria da análise semiolinguística do discurso de Charaudeau (1983, 1992, 2001, 2006, 2008) deixa evidente a distinção entre enunciados alocutivos, elocutivos e delocutivos. Tomemos por exemplo o seguinte enunciado: *Este livro é bom*. Para Charaudeau, devido à ausência do pronome de 1ª ou 2ª pessoa e conseqüente apagamento do locutor e interlocutor, tal enunciado é delocutivo, portanto pretensamente neutro. Mas será que tal enunciado não corresponderia a dizer: *(Eu) acho que este livro é bom?* A avaliação positiva expressa pelo adjetivo *bom* denota o julgamento do locutor. Embora o enunciador não esteja referindo-se a si mesmo pelo pronome de 1ª pessoa, podemos enxergar sua presença implícita no primeiro enunciado.

Se por um lado Charaudeau (1983, 1992, 2001, 2006, 2008) observa a marca do enunciador explícita no enunciado, Kerbrat-Orecchioni (1980) nos mostra caminhos mais sutis, pistas que o lingüista pode seguir para encontrar a presença do enunciador. Para esta autora, é preciso valorizar fatores de subjetividade enunciativa em termos com função avaliativo-axiológica. Portanto, mesmo sem sua marca enunciativamente explícita, podemos ver o enunciador vivamente marcado em certos vocábulos por expressarem seu julgamento ou sua emoção.

Como pretendemos também dialogar com os teóricos das correntes pós-estruturalistas, faremos logo a seguir breves considerações a respeito das contribuições de Saussure e de teóricos da psicanálise nas reflexões sobre a tradução.

Saussure é, como sabemos, o marco fundante da lingüística, da forma como a entendemos hoje. Com ele, inaugurou-se a noção de *langue* e *parole*, tão fundamentais para nossas reflexões sobre a linguagem. A noção da *langue* como sistema originou a lingüística estruturalista e superou a noção de língua como nomenclatura do período pré-moderno. Entretanto, a prevalência do objeto (língua) sobre o sujeito (tradutor) foi superada no período pós-estruturalista por lingüistas das teorias da enunciação e do discurso e, nesse sentido, a psicanálise vem ao encontro dessa superação, pelo lugar que atribui ao sujeito, *algo desprezado pela ciência* (FROTA, 2000, p. 61). O paradigma de Freud e Lacan abraça o espaço da subjetividade e vem portanto contribuir enormemente com a lingüística pós-saussureana.

Tal modelo lingüístico, retomado por teóricos como Mounin (1975) implica a exclusão do sujeito-tradutor e chega até mesmo a concluir a total impossibilidade da tradução, uma vez que seu objeto de investigação escapa ao modelo teórico estruturalista. A tradução é um fenômeno da *parole* e não da *langue* (AUBERT apud FROTA, 2000, p. 40). *Não se traduz de língua pra língua, e sim de fala para fala* (Geir Campos apud FROTA, 2000, p. 40).

É nesse escopo metodológico que entendemos hoje as teorias da tradução pois como afirma Berman, *a psicanálise sem dúvida mantém uma relação ainda mais profunda com a tradução, na medida em que ela interroga a relação do homem com a linguagem, com as línguas e com a língua dita “materna”* (BERMAN apud FROTA, 2000, p. 137). A ilusão da perfeição consiste na impossibilidade da total tradução uma vez que aceitar a castração e admitir a falta é algo tão difícil ao ser humano. Erros, lapsos, omissões ou acréscimos

efetuados por todo tradutor, nesse sentido, embora indesejados, seriam inevitáveis na medida em que a linguagem não existe sem a presença de um sujeito assujeitado ao seu desejo inconsciente, haja vista que *As palavras muitas vezes nos desapontam, isto é, não expressam o que queremos; ou, inversamente, expressam demais, mais do que queremos* (FROTA, 2000, p. 37-8).

Após nossas ainda incipientes análises, constatamos, tal como apontado por Frota (2000), que as transgressões acima referidas só podem ser detectadas em uma leitura criteriosa por meio do cotejo texto fonte-texto meta e, nesse sentido, cremos numa melhor visibilidade das diferenças enunciativas através do cotejo não só com o texto original em francês mas também das três traduções entre si.

O segundo e mais detalhado ponto da análise se deterá, como visto acima, sobre as marcas da enunciação no “Zadig” de Voltaire e seus tradutores, Mário Quintana (2001), Márcia Aguiar (2002) e Antônio Silva (2006). Perceberemos como o autor do texto original e seus tradutores enunciam a história de Zadig delocutiva, alocutiva e elocutivamente (cf. CHARAUDEAU, 1992 e 2008). O fragmento selecionado para evidenciar tais aspectos está contido primeiramente na epístola, espécie de panegírico ofertado a um destinatário privilegiado, a sultana Sheraá. Cotejando o nosso corpus, procuraremos perceber as escolhas feitas pelos três tradutores-enunciadores quanto ao pronome de tratamento *vous* e seus correspondentes em língua portuguesa. Em seguida avaliaremos as divergências lexicais nas três traduções do “Zadig” entendendo melhor, por meio das suas escolhas tradutórias, o contrato de fidelidade³. Este pode, em linhas gerais, ser entendido como requisito imprescindível à tradução de todo texto e que pressupõe que o tradutor deve assumir a responsabilidade de ser fiel a seu leitor e ao primeiro enunciador do texto no qual se debruça a fim de torná-lo compreensível em outra língua e conseqüentemente em outra realidade sócio-histórico-cultural. As omissões, acréscimos ou dissimetrias sintático-lexicais podem nos levar à presença mais ou menos implícita do enunciador-tradutor.

1. Traços do desejo inconsciente no texto traduzido

Tomaremos por base na exposição da teoria psicanalítica da tradução o livro de Maria Paula Frota (2000), intitulado *A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na linguagem e na psicanálise*. A presente pesquisadora lança mão de conhecimentos de psicanálise tanto freudiana como lacaniana para entrever a interferência do tradutor no texto traduzido, o traço que marca sua subjetividade inconsciente. Essa interferência involuntária fica visível nos erros, lapsos, distorções, omissões e acréscimos feitos por este trabalhador da linguagem que encontra-se, como todos nós, assujeitado ao desejo do seu aparelho psíquico inconsciente, já que *inexoravelmente, a ação do inconsciente não pode ser evitada*. (FROTA, 2000, p. 216). E Frota conclui com um alerta aos tradutores de uma missão que parece impossível, e que é, por isso mesmo, fascinante: *gostaria de assinalar a importância da conscientização, pelos tradutores, do processo psicológico que resulta em tais lapsos, ainda que tenhamos como alvo principal a sua eliminação* (FROTA, 2000, p. 217).

A autora, entre outros aspectos, tece importantes considerações a respeito da lingüística estruturalista saussureana e da teoria da (in)visibilidade do tradutor de Lawrence Venuti e finaliza com a proposta de uma lingüística pós-estruturalista associada aos avanços propostos sobretudo por Freud e Lacan às teorias da linguagem humana.

Entretanto, em nossa análise lingüística aqui exposta e sob o ponto de vista psicanalítico proposto por Frota (2000), verificamos que só é possível ver as “transgressões” cometidas pelo tradutor se cotejarmos o texto traduzido com seu texto de partida. Salvo raras exceções, as manifestações dos chamados erros de tradução tornam-se visíveis apenas no cotejo do texto original com sua tradução. Ou, como no nosso caso, do original com as três diferentes traduções por nós encontradas do “Zadig” de Voltaire no Brasil.

2. Marcas da enunciação no “Zadig” de Voltaire e de seus tradutores brasileiros

Ao cotejar o corpus composto pelo texto original de Voltaire e as três traduções diferentes encontradas no mercado editorial brasileiro, buscaremos detectar as marcas enunciativas que deixam entrever a presença dos quatro diferentes enunciadores em seus respectivos textos. Dos muitos aspectos a serem ainda trabalhados em nossa análise, apresentaremos sucintamente apenas dois aspectos abordados nesse cotejo, a saber:

1. Marcas enunciativas presentes na escolha dos pronomes de tratamento;
2. Análise da ironia e das escolhas lexicais no capítulo “Le borgne”.

2.1. Marcas enunciativas presentes na escolha dos pronomes de tratamento

A escolha entre *tu* ou *vós*, sobretudo na epístola do conto, aponta para uma marca implícita do locutor no enunciado. Analisando as três traduções percebemos as seguintes escolhas: Mário Quintana e Márcia Aguiar primam por traduzir *vous* por *vós*, já Antônio Silva prefere traduzir por *tu*. Nos diálogos ao longo da narrativa, Márcia Aguiar permanece com *vós* e Mário Quintana, juntamente com Antônio Silva optam por *tu*, exceto no capítulo “O cão e o cavalo”, quando Zadig dirige-se aos membros do tribunal de acusação por *vós*. Nesta passagem todos os tradutores escolhem o pronome *vós*, dada a explícita diferença hierárquica entre o personagem central e a instância a que se dirige. Um ponto interessante que se averiguou foi que em nenhum momento os tradutores ora analisados optaram pelo pronome *você*, ou seja, não houve uma intenção de dar um tom coloquial à obra originalmente produzida no século XVIII.

PRONOMES DE TRATAMENTO			
Voltaire	Mário Quintana	Márcia V. Aguiar	Antônio Silva
EPÍSTOLA			
(...) je ne baise point la poussière de vos pieds, parce que vous ne marchez guère, ou que vous marchez sur des tapis d’Iran ou sur des roses. Je vous offre la traduction d’un livre d’un ancien sage qui, ayant le	(...) não beijo a poeira de vossos pés, porque não costumais andar só o fazeis sobre tapetes do Irã ou sobre pétalas de rosas. Ofereço- vós a tradução de um livro de um antigo sábio que, gozando a	(...) não beijo a poeira de vossos pés, porque não caminhais , ou o fazeis sobre tapetes do Irã ou sobre rosas. Ofereço- vós a tradução de um livro de um antigo sábio que, tendo a felicidade de nada ter a fazer,	(...) não beijo teus pés porque não caminhas ou, quando o fazes , caminhas sobre tapetes do Irã ou sobre rosas. Eu te ofereço a tradução de um livro de um sábio antigo que, tendo a felicidade de não ter nada a

bonheur de n'avoir rien à faire, eut celui de s'amuser à écrire l'histoire de Zadig, ouvrage qui dit plus qu'il ne semble dire. Je vous prie de le lire et d'en juger; car, quoique vous soyez dans le printemps de votre vie, quoique tous les plaisirs vous	ventura de não ter nada que fazer, teve também a de se divertir escrevendo a história de Zadig: obra que diz mais que parece. Lede e julgai-a, peço- vos : porque, embora andem a reclamar- vos todos os prazeres	teve a de se divertir escrevendo a história de Zadig, obra que diz mais que parece dizer. Rogo- vos ler e julgar: pois, ainda que estejais na primavera da vida, ainda que todos os prazeres vos	fazer, teve aquela de se divertir em escrever a história de Zadig, obra que diz mais do que parece dizer. Peço- te que o leias e tires tuas conclusões, pois, embora estejas na primavera de tua vida, embora todos prazeres te procurem
<u>O CAOLHO</u>			
« O Zadig! je vous aimais comme mon époux, je vous aime comme celui à qui je dois l'honneur et la vie. »	“Ó Zadig! Antes eu te amava como a meu esposo; mas agora amo- te como aquele a quem devo a honra e a vida”.	Oh, Zadig! Amava- vos como meu esposo; amo- vos agora como aquele a quem devo a honra e a vida.”	“Ó Zadig! Eu te amava como meu esposo e agora te amo como aquele a quem devo a honra e a vida”

Fontes: VOLTAIRE, 2004, p. 11; 14, 2001, p. 65; 66, 2002, p. 03; 07, 2006, p. 15; 17.⁴

2.2. Análise da ironia e das escolhas lexicais no capítulo “Le borgne”

Passaremos agora às marcas do enunciador no primeiro capítulo intitulado “Le borgne” (“O caolho”, em todas as traduções). Na passagem que descreve o personagem central do conto, o narrador-enunciador atribui as melhores qualidades a Zadig por meio de substantivos, adjetivos e verbos que expressam axiologicamente aquilo que o Eu-enunciador revela considerar positivo em uma pessoa. Percebemos que as marcas da enunciação estão evidenciadas principalmente quando o autor ironiza os personagens, colocando-os em oposição ao modelo de virtude representado pelo actante principal Zadig. Um exemplo disso pode ser visto também no capítulo “Les disputes et les audiences” na seguinte transcrição:

Il y avait une querelle dans Babylone, qui durait depuis quinze cents années, et qui partageait l'empire en deux sectes opiniâtres: l'une prétendait qu'il ne fallait jamais entrer dans le temple de Mithra que du pied gauche; l'autre avait cette coutume en abomination, et n'entrait jamais que du pied droit. On attendait le jour de la fête solennelle du feu sacré pour savoir quelle secte serait favorisée par Zadig. L'univers avait les yeux sur ses deux pieds, et toute la ville était en agitation et en suspens. Zadig entra dans le temple en sautant des deux pieds joints, et il prouva ensuite, par un discours éloquent, que le Dieu du ciel et de la terre, qui n'a acception de personne, ne fait pas plus de cas de la jambe gauche que de la jambe droite (VOLTAIRE, 2004, p. 32).

Podemos observar nesta passagem que o enunciador se expressa utilizando a força da ironia quando cita a divergência entre duas seitas milenares e enfatiza uma das virtudes do personagem que lhe confere superioridade em relação aos seus antagonistas: a disposição

em difundir a tolerância entre os homens, que consiste no valor ilocutório argumentativo do enunciado, atribuído de acordo com a visada do enunciador. Um outro aspecto pertinente a ser observado na citação acima consiste no fato do enunciador-narrador fundamentar a razão e depreciar a superstição, objetivo este alcançado pela capacidade de eloquência do actante principal Zadig.

Sobre a presença subjetiva do Eu enunciador e suas marcas no princípio do capítulo “Le borgne”, apresentamos o quadro logo abaixo:

QUADRO COMPARATIVO DOS TERMOS			
Voltaire	Mário Quintana	Márcia V. Aguiar	Antônio Silva
On était étonné qu’avec beaucoup d’esprit il n’insultât jamais par des railleries à ces propos si vagues, si rompus, si tumultueux, à ces décisions ignorantes, à ces turlupinades grossières, à ce vain bruit de paroles, qu’on appelait <i>conversation</i> dans Babylone.	Era de espantar que, com tanto espírito, jamais procurasse meter a ridículo esses diálogos tão vagos, tão incoerentes, tão inquietos, essas temerárias maledicências , esses juízos ignaros, essas grosseiras chocarrices , esse vão palavrório, a que se chama <i>conversação</i> em Babilônia.	Era espantoso que mesmo tendo muito espírito nunca se pusesse a zombar desses discursos tão vagos, tão fragmentários, tão tumultuosos, dessas maledicências temerárias , dessas decisões ignorantes, dessas mistificações grosseiras, desse vão palavrório que chamavam de <i>conversação</i> em Babilônia.	Era de espantar que, com tanto espírito, jamais insultasse com gracejos por motivos vagos, incoerentes, criadores de tumulto, com essas maledicências temerárias , essas tiradas ignorantes, essas zombarias grosseiras, esse palavrório vazio, a tudo isso que se chamava conversa em Babilônia.

Fontes: VOLTAIRE, 2004, p. 13; 2001, p. 66, 2002, p. 5, 2006, p. 17.

Cotejando os termos presentes nas três traduções da citação percebemos as seguintes diferenças: na primeira parte os tradutores mantêm o adjetivo axiológico e alternam o

substantivo associado, assim o adjetivo *vagos* é mantido, mas vem acompanhado de substantivos que enfatizam ou diminuem o grau axiológico do adjetivo, a saber: *diálogos*, *discursos*, *motivos*. Há uma exceção quanto a isso na tradução de Antônio Silva que prima pela tradução do termo *railleries* por *gracejos* mantendo a presença da locução *insulter par des railleries*. No entanto, ao traduzir *propos* por *motivos*, ele subverte o enunciado original já que a locução *por motivos vagos* não constitui o complemento verbal de *insultar* como *propos si vagues* o é de *insulter*. Neste caso tal tradutor embora fosse o único a se esforçar em manter a locução preposicionada *par des railleries*, acaba não alcançando seu intuito de ser fiel ao texto original. Por outro lado, tanto Mário Quintana quanto Márcia V. Aguiar são fiéis ao original por manter o complemento do verbo. Quintana utiliza a palavra *diálogos* e Márcia prefere o termo *discursos*. No entanto estes dois primeiros tradutores omitem a referida locução, mantida com muito esforço pelo terceiro tradutor. Um outro dado interessante a ser analisado nas três traduções do fragmento ora apontado é o acréscimo dos termos *temerárias maledicências* ou *maledicências temerárias*, inexistentes no original. Podemos constatar que os três enunciadorees do texto “Zadig” em português, curiosamente acrescentaram tais termos. O que nos leva à hipótese que talvez os dois últimos tradutores tenham optado por manter a inferência do primeiro, julgando-a pertinente à tradução, o que denota a marca do Eu enunciador construído por cada tradutor, por meio das suas escolhas terminológicas.

Conclusão

Analisar o texto de Voltaire e suas três traduções nos conduziu à presença subjetiva do enunciador. Todo tradutor firma com a língua que pretende traduzir um contrato de fidelidade, contrato este que pressupõe sua “invisibilidade” frente à língua que tem às mãos e que passará a ser a sua. No entanto, sua fidelidade deixa marcas enunciativas que se tornam o mapa da sua presença.

O que nos interessou no primeiro ponto do presente trabalho foi analisar o conto “Zadig” e suas três traduções pelo prisma do enunciador. Para tal análise fizemos um pequeno passeio histórico, contextualizando a Teoria da Enunciação e alguns nomes que a tornaram o que é atualmente. Nos ativemos teoricamente a dois de seus principais representantes: Patrick Charaudeau e Catherine Kerbrat-Orecchioni. Utilizamos os autores como escopo do trabalho, pois um complementa o outro, nos auxiliando a entender melhor a presença implícita do enunciador, seja no texto original como no texto traduzido. O primeiro, ao entender a comunicação como uma enunciação, um ato de linguagem que combina o Dizer e o Fazer, estabelece, na interação languageira, a comunicação. A segunda autora, ao aprofundar a Teoria da Enunciação, nos propiciou aportes teóricos, como os marcadores avaliativos axiológicos, permitindo-nos analisar as divergências contidas nas três traduções do nosso corpus. Entretanto, em nossa análise lingüística aqui exposta e sob o ponto de vista psicanalítico proposto por Frota (2000), verificamos que só é possível ver as “transgressões” cometidas pelo tradutor se cotejarmos o texto traduzido com seu texto de partida. Salvo raras exceções, as manifestações dos chamados erros de tradução tornam-se visíveis apenas no cotejo do texto original com sua tradução. Ou, como no nosso caso, do original com as três diferentes traduções por nós encontradas do “Zadig” de Voltaire no Brasil.

Ao comparar as traduções dos referidos capítulos percebemos diferenças quanto à força axiológica dos termos utilizados por meio de acréscimos e omissões efetuadas pelos tradutores, o que evidencia a singularidade de cada tradutor-enunciador.

Referências Bibliográficas:

- [1] BENVENISTE, Emile. *Problemas de lingüística geral I*. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luíza Neri; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum, 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- [2] CHARAUDEAU, Patrick. *Langage et discours: éléments de sémiolinguistique (Théorie et pratique)*. Paris: Hachette Université, 1983.
- [3] CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.
- [4] CHARAUDEAU, Patrick. Uma Teoria dos Sujeitos da Linguagem. In: MARI H. et alii (orgs). *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFGM, 2001. pp. 23-37.
- [5] CHARAUDEAU, Patrick. Identité sociale et identité discursive, le fondement de la compétence communicationnelle. *Gragoatá*, Niterói, n. 21, p. 339-354, 2º. sem. 2006.
- [6] CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Tradução Ângela Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- [7] CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Coordenação da equipe de tradução Ângela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado, São Paulo: Contexto, 2008.
- [8] CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação de tradução Fabiana Komesu. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 2006.
- [9] CORRÊA, Angela Maria da Silva. *Erros em tradução do francês para o português: do plano lingüístico ao plano discursivo*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1991. Tese de doutorado.
- [10] FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- [11] FROTA, Maria Paula. *A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos de tradução, lingüística e psicanálise*. Campinas e São Paulo: Pontes/FAPESP, 2000.
- [12] KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L'enonciation de la subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin, 1980.
- [13] MOUNIN, Georges. *Os problemas teóricos da tradução*. Tradução de Heloysa de L. Dantas, São Paulo: Cultrix, 1975.
- [14] RÓNAI, Paulo. *Escola de tradutores*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Educom, 1976.
- [15] VIEIRA, Else R. P. (org.) A teoria das refrações e da tradução como reescrita. In: *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte, 1996. p. 138-150.
- [16] VOLTAIRE. *Zadig ou la Destinée: Suivi de Micromégas*. Paris: Pocket, 2004.

[17] VOLTAIRE. *Zadig ou o Destino*: Contos e novelas. Tradução Mário Quintana. 2^a ed. São Paulo: Ediouro, 2001.

[18] VOLTAIRE. *Zadig ou do Destino*. Tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. 2^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

[19] VOLTAIRE. *Zadig*. Tradução Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Escala, 2006.

¹ Mayra BARBOSA GUEDES, Profa. Ms.
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
Doutoranda
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
mayra@powermail.com.br

² Opção tradutória para os termos franceses *langagier/ère*.

³ Conceito proposto pela orientadora desta tese, Prof^a Dr^a Ângela Corrêa, a partir dos princípios anteriormente propostos por Charaudeau.

⁴ Os quadros presentes neste trabalho contêm fragmentos do texto original e das suas respectivas traduções que compõem o corpus desse trabalho.